

MIGRAÇÕES, DESENRAIZAMENTO E GÊNERO

uma leitura teológica e espiritual

* Doutora em Teologia, decana do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio.

Maria Clara Lucchetti Bingemer*

Resumo:

A reflexão de Bingemer parte de alguns dados quanto à migração dando especial ênfase à presença das mulheres na massa migratória. Apresenta as características das migrantes e os desafios que enfrentam tendo como pano de fundo a América Latina e o Brasil. Num segundo momento, depois de apresentar uma breve biografia de Simone Weil, Bingemer lança mão de alguns conceitos da mesma, especialmente, do conceito de desenraizamento, para compreender o drama da migração. Por fim, apresenta algumas sugestões para uma prática pastoral com os migrantes, realçando o aspecto de ponte entre o mundo das origens e local atual em que moram os migrantes.

Palavras-chave:

Migração; desenraizamento; Simone Weil; desenraizamento

Abstract:

Bingemer's analysis starts from some migration data having in mind mainly the women presence in the migratory wave. She presents the women migrant features and their main challenges, having as background Latin America and Brazil. At a second moment of her analysis, Bingemer makes use of some Simone Weil's concepts. After some lines on her biography, she casts lights on the dramatic situation of the migrants using the ideas under the Weil's concept of uprooting. As closing words, Bingemer presents some suggestions for the pastoral activities with migrants, enhancing the need for some bridges between the original countries and cultures and the nowadays lives of the migrant peoples.

Key-words:

Migration: uprooting; Simone Weil: uprooting

INTRODUÇÃO

Em várias regiões do globo — Tijuana no México, a fronteira do Haiti com a República Dominicana, Miami na Flórida — acontece esse fenômeno que, qual nova forma de escravidão, obriga as pessoas a saírem de sua terra natal, de sua parentela, de sua cultura e tornar-se para sempre um ilegal, um *embarcado* nos modernos navios negreiros, um *errante* que nunca encontrará pouso definitivo porque este planeta e a raça humana que o habita se tornaram cruéis demais e não previram lugar para elas.

As ciências sociais estudam o fenômeno e inventam nomenclaturas para identificá-lo: *boat people* (gente que vive em embarcações) ou *people on the move* (gente que vive deslocando-se de um lugar para o outro) são algumas das expressões para designar estes e estas que, sem lugar para estar e viver, são pessoas que andam pelo mundo em permanente êxodo, mendigando o favor de sobreviver e, muitas vezes, morrendo nos riscos desta tentativa.

Nesta comunicação, em primeiro lugar veremos como este fenômeno tão atual e tão cruelmente desafiante à ética e à fé encontra cruzamento com os estudos de gênero para ser melhor entendido e explicado. Procuraremos, pois, para começar nossa reflexão, deter-nos sobre um ângulo específico desta problemática, que as estatísticas não cessam de informar: as migrações têm, em boa parte, rosto feminino. Milhões de mulheres continuam migrando, ou seja, saindo de suas cidades e países natais para enfrentar a incerteza e a insegurança das grandes cidades ou do exterior.

Em seguida, procuraremos ver que contornos específicos as migrações femininas adquirem no continente latino-americano. A situação de crescente vulnerabilidade da mulher *vis-à-vis* sua importância cada dia maior para a reprodução familiar não é problema apenas do Brasil. A temática assume novas formas, como o tráfico internacional de mulheres — geralmente para prostituição — e a prisão de mulheres na travessia da fronteira entre México e Estados Unidos, sem falar daquelas que morrem na aventura.

Finalmente, após termos percorrido alguns dados que nos situam com maior precisão dentro da problemática, procuraremos ver o que uma mulher, filósofa e mística do século XX, — Simone Weil — tem a nos dizer sobre o tema. Analisaremos

com esta finalidade seu último escrito antes de morrer aos 34 anos, no ano de 1943: *o desenraizamento*.

Feito isto, esperamos poder caminhar para a conclusão, onde apontaremos algumas pistas pastorais que nos ocorrem ao refletir sobre este problema que se revela como um dos mais importantes deste início de século e de milênio.

FEMINIZAÇÃO DAS MIGRAÇÕES: UM FENÔMENO RECENTE

A maior visibilidade das mulheres nas migrações internacionais recentes contribuiu para problematizar as visões cristalizadas sobre a inserção de homens e mulheres nesse processo. Os estudiosos de migrações internacionais, até meados dos anos 80, analisaram a migração sem considerar a perspectiva de gênero. Segundo Morokvasic¹ as mulheres eram representadas de maneira estereotipada como aquelas que seguem os homens — como *dependentes passivas*.

O trabalho de Fusco,² embora não trabalhe com o recorte de gênero para analisar as relações entre homens e mulheres, discute os diferenciais por sexo na migração de migrantes de Governador Valadares para os Estados Unidos, reunindo dados que demonstram que as mulheres participam de forma ativa da migração de longa distância, integrando redes de migração. Esses trabalhos representam uma tentativa de compreender a inserção de homens e mulheres na recente emigração de brasileiros. No entanto, são dados que extrapolam o problema do Brasil e se estendem a muitas latitudes hoje no mundo, que têm que se defrontar com o problema das migrações.

O Museu de Ellis Island, nos Estados Unidos, pode nos dar um ponto de partida para começarmos a perceber como as mulheres foram retratadas no processo migratório para aquele país e, de forma mais geral, como as mulheres são representadas nas migrações internacionais. As várias fotos que reconstroem a passagem de milhões de migrantes para entrar nos Estados Unidos evidenciam quais eram as expectativas do Serviço de Imigração. Nas fotos que representam a chegada dos homens, a pergunta é: *Você tem trabalho?*, enquanto que nas fotos em que aparecem as mulheres consta a pergunta: *Você é casada?*³

Essas imagens revelam diferentes expectativas e representações em relações aos migrantes, que também são recorrentes nas teorias sobre migrações internacionais. As migrações internacionais contemporâneas têm colocado questões significativas para as teorias das migrações. É interessante observar que, embora as mulheres estivessem presentes nos fluxos interna-

¹ Citado por G. PEREIRA DE ASSIS, De Criciúma para o mundo: Gênero, família e migração, em <http://calvados.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/campos/article/viewPDFInterstitial/1586/1334>, acessado em 4 de maio de 2006.

² FUSCO, W., Redes Sociais na Migração Internacional: o caso de Governador Valadares. ANAIS do II Encontro Nacional de Migração – ABEP/GT Migração. Ouro Preto, 1999.

³ Cf. G. PEREIRA DE ASSIS, De Criciúma para o mundo, op. cit.

cionais do final do século XIX, sua inserção era analisada como aquelas que acompanhavam ou como aquelas que esperavam por seus maridos ou filhos. Segundo Morokvasik e vários outros⁴ o fato de a migração internacional ser analisada como predominantemente constituída por trabalhadores homens encobre a participação das mulheres, não apenas acompanhando seus maridos, mas se inserindo como força de trabalho.

Essas análises também não percebiam que a migração de longa distância ocorre articulada numa complexa rede de relações sociais, na qual as mulheres têm uma importante participação. Uma das explicações para o englobamento das mulheres na categoria migrante era que os homens eram a maioria nos fluxos internacionais, o que corresponde à visão de homens migrando sozinhos e desenraizados. Tal perspectiva de caracterização da migração, como dominada por homens jovens solteiros e economicamente motivados, contribuiu para que não se percebesse um dado significativo: a predominância das mulheres nos fluxos internacionais desde 1930. Para Houston, Kramer e Barrett,⁵ poucos pesquisadores de migração (e poucos políticos) têm percebido que a migração legal para os Estados Unidos — muito maior que todo fluxo internacional — foi dominada por mulheres na última metade do século XIX. Esse dado demográfico, que por muito tempo não chamou a atenção de pesquisadores, revela que mesmo quando havia predominância de mulheres nos fluxos, como no caso da migração de irlandeses para os Estados Unidos no século XIX, as mulheres não tiveram suas experiências tratadas como objeto de análise.⁶

Isso significa que, embora a variável sexo fosse reconhecida na seletividade da migração, as análises não contemplavam o aspecto gênero. Por isso, só recentemente, a participação feminina no processo migratório foi incluída dentro da teoria geral das migrações. Conseqüentemente, as razões e características da mobilidade diferenciada por gênero não eram adequadamente enfocadas: sujeitos migrantes eram assumidos como sendo do gênero masculino, enquanto que as populações de migrantes eram geralmente apresentadas sem que se desse visibilidade ao gênero. Nas duas últimas décadas do século XX, vários estudos⁷ passaram a criticar a forma como as mulheres eram analisadas nos estudos de migração e buscaram, a partir de diferentes perspectivas teóricas, abordar a experiência migratória como atravessada por relações de gênero. Esses estudos demonstraram a importância de se questionar a perspectiva que enfatiza o trabalhador migrante como sendo essencialmente homem. Como seriam as mulheres de diferentes origens nacionais nos novos fluxos de migrantes? Embora se destaquem algumas diferenças, haveria ainda mais similaridades

⁴ BOYD, M., Family and Personal Networks in International Migration: recent developments and new agendas. Em *INTERNATIONAL MIGRATION REVIEW*, 23(3) (1989), pp. 639-669; GRIECO, E. M. – BOYD, M., *Women and Migration: incorporating gender into international migration theory*. Florida State University College of Social Sciences, Center for the Study of Population. Working paper, 2001.

⁵ Cf. HOUSTON, M. – KRAMER, R. G. – BARRET, J. M., Female Predominance of Immigration to the United States since 1930: a first look. Em *INTERNATIONAL MIGRATION REVIEW*, 28(4) (1984), pp. 908-963.

⁶ DONATO, K. M., Understanding U. S. Immigration: why some countries send women and others send men. In GABACCIA D. (Ed.), *Seeking Common Ground: multidisciplinary studies of immigrant women in the United States*. Westport, Praeger, 1992; SIMON, R. J., Sociology and Immigrant Women. In GABACCIA D., (Ed.), *Seeking Common Ground: multidisciplinary studies of immigrant women in the United States*. Westport, Praeger, 1992.

⁷ Referenciamos D. GABACCIA, *Seeking Common Ground*, op. cit., além de Morokvasic e outros.

dades na vida dessas mulheres migrantes de origens nacionais distintas. Migrantes mulheres hoje são mais visíveis nos campos profissionais, assim como nos serviços menos qualificados.

A grande maioria das mulheres imigrantes do século XIX e do início do século XX vinha de um mundo camponês ou de pequenas cidades, tendo trabalhado na agricultura, em serviços domésticos e, em pequena escala, na indústria, o que já não ocorre contemporaneamente, quando a maior parte das mulheres provém de regiões urbanas.

Entretanto, um outro conjunto de fatores de ordem não-econômica parece ter impacto na seletividade da migração. Nos contextos em que há limites para a mobilidade de mulheres, algumas delas, marginalizadas na sociedade de origem — como viúvas, mulheres rejeitadas por não agirem conforme os padrões estabelecidos em suas sociedades ou mulheres separadas —, sofreriam, nessas condições, pressão social para migrar.⁸ Podem ser citados como fatores não apenas a transgressão dos limites sexuais impostos pela sociedade, mas também os problemas conjugais e a violência física, a impossibilidade de divórcio, os casamentos infelizes e defeitos, a discriminação contra grupos específicos de mulheres e a ausência de oportunidades para as mulheres. Conforme Morokvasic, esses estudos apontaram para o fato de que as mulheres migram não apenas por razões econômicas, mas também por rompimento com sociedades discriminatórias, nas quais estariam em posição subordinada.⁹ Portanto, nos fluxos contemporâneos, as mulheres tendem a migrar sozinhas ou como primeiras em suas famílias, pioneiras em encontrar trabalho nos Estados Unidos, quebrando a imagem daquelas que esperam ou que seguiriam os passos dos homens.

É importante destacar que a invisibilidade da inserção das mulheres nos fluxos migratórios também estava relacionada à perspectiva teórica com que se analisava a migração até meados da década de 60. Até então, os estudos sobre os milhares de imigrantes homens e mulheres que chegaram aos Estados Unidos foram muito influenciados pela *Escola de Chicago*. Nesse sentido, suas análises se centravam na assimilação e na adaptação dos imigrantes, não dando atenção às questões de gênero, de classe ou de raça. Estudos clássicos perceberam os migrantes como estando em ruptura com a sociedade de origem e inseridos em um processo de assimilação dos valores modernos da sociedade de recepção, enfatizando mais os processos de ruptura do que as reconstruções de identidade nos contextos de migração.¹⁰ A revitalização dos estudos étnicos nos anos 60 e o desenvolvimento dos estudos feministas produziram questionamentos que colocaram novas problemáticas para a compreensão dos fluxos migratórios.

⁸ Cf. G. DE OLIVEIRA ASSIS, De Criciúma para o mundo, op. cit.

⁹ Idem.

¹⁰ Cf. THOMAS, W. I. – ZNANIECKI, F., *The Polish Peasant in Europe and America*. Chicago, University of Chicago Press, 1984.

Para Gabaccia,¹¹ os estudos étnicos e de mulheres, embora tivessem suas origens nas lutas políticas dos anos 60, divergem quanto às preocupações. Nos anos 60 e 70, os estudos étnicos demonstraram que as velhas visões de inevitável assimilação e de diminuição da influência da etnicidade foram contestadas com uma nova visão de persistência dos laços étnicos e de pluralismo na sociedade americana. Por isso, a economia familiar, as comunidades étnicas e os laços familiares passaram a ser vistos como fonte de persistência, de solidariedade étnica, e como uma estratégia de oposição contra a discriminação e a marginalização. A partir da constatação de que os grupos imigrantes se tornavam grupos étnicos e de que, portanto, as diferenças não estavam sendo diluídas e sim reafirmadas, o conceito de etnicidade passaria a problematizar e a instrumentalizar análises sobre permanências e rupturas das identidades no contexto da migração. Logo, a etnicidade era vista como uma fonte de solidariedade no grupo migrante.

Por outro lado, os estudos sobre mulheres, em outra perspectiva, revelaram uma dimensão única da experiência feminina. Com a preocupação de dar visibilidade à participação das mulheres nos fluxos migratórios, muitas vezes a mulher retratada parecia ser uma mulher universal, branca e pertencente à classe média. Assim, se os estudos étnicos ignoravam as diferenças entre homens e mulheres, os estudos de gênero ignoravam as diferenças de classe e etnia entre as mulheres. Os estudos de mulheres imigrantes, diferentemente dos estudos étnicos, definiram a família como um *locus* de opressão feminina, e não como ponto de partida para a solidariedade entre gêneros.¹²

A observação de Gabaccia é importante porque nos ajuda a compreender como a categoria gênero foi sendo incorporada aos estudos de migração. Ao demonstrar o ponto em que divergem os estudos étnicos e os estudos de gênero, a autora aponta para a necessidade dos estudos de migração procurarem um enfoque que contemple gênero, raça e classe em uma abordagem mais multidisciplinar. À medida em que os estudos de imigração incorporam a perspectiva de gênero, as experiências de homens e mulheres emergem. Pouco a pouco vai aparecendo o fato que demonstra que elas obtêm, através de seu trabalho, rendimentos essenciais para a manutenção econômica de suas famílias na nova sociedade. Além disso, demonstram que conseguem articular o trabalho com uma série de atividades reprodutivas necessárias para manter os membros da família na força de trabalho. Em todos os casos, as mulheres emergem como articuladoras de redes sociais. Segundo Boyd, as mulheres têm uma importante participação nas redes sociais, uma vez que, utilizando-se dessa rede de informações — que

¹¹ Cf. D. GABACCIA, *Seeking Common Ground*, op. cit.,

¹² Idem.

¹³ Cf. M. BOYD, *Family and Personal Networks in International Migration: recent developments and new agendas*. Em *INTERNATIONAL MIGRATION REVIEW* 23(3) (1989), pp. 639-669.

indica, no local de destino, quem vai receber, como arranjar emprego, quem auxilia nos primeiros momentos da chegada ao estrangeiro —, as famílias atenuam os riscos da migração de longa distância.¹³ Assim, tanto na sociedade de destino como na sociedade de origem as mulheres articulam e mantêm estas redes sociais.

As teorias de redes sociais constituem uma das abordagens alternativas aos extremos da teoria neoclássica do determinismo estrutural. Nessa área de estudos, as transformações macro-estruturais são compreendidas como desencadeadoras das pressões migratórias. As famílias e as redes sociais respondem a tais pressões e determinam quais membros dos domicílios e das comunidades realmente migram. Nesse contexto, a migração, articulada pelas redes sociais, também vai deixando de ser vista apenas como decisão racional de um indivíduo para ser encarada como uma estratégia de grupos familiares, de amizade ou de vizinhança nos quais as mulheres se inserem ativamente.

As redes familiares construídas ao longo do processo, quando aqueles que já se estabeleceram no lugar de destino acolhem os que pretendem empreender essa difícil *aventura*, evidenciam que esse projeto individual, em geral, está sustentado nas relações familiares. Nessas redes, as mães, as esposas, as irmãs e namoradas são muito importantes, pois fazem circular as informações entre os demais membros das famílias. O que se constata tanto por parte daqueles que partiram quanto daqueles que ficaram é que há uma tentativa de manter os laços dos emigrantes com a terra de origem, com os familiares. Esses laços familiares, no entanto, parecem um pouco mais flexíveis ou, pelo menos, são colocados em questão.

Os estudos de gênero podem trazer contribuições importantes para se compreender os movimentos migratórios contemporâneos. Inicialmente, as mulheres ficaram subsumidas na categoria migrante. Dessa forma, não se percebeu, nos estudos clássicos de migração, que as mulheres podem acompanhar os homens como esposas, mas nem sempre reescrevem este caminho. No passado e no presente, embora as mulheres em sua maioria migrem em grupos familiares, isso não significa que são agentes passivas nesse processo. A presença das mulheres é um fator importante para o estabelecimento dos migrantes nos locais de destino e também na formação e manutenção de redes sociais, em alguns casos diferenciadas daquelas utilizadas pelos homens. As mulheres também migraram sozinhas para fugir de poucas oportunidades ou discriminações nos locais de origem. Ao incorporar a categoria gênero na análise dos fluxos migratórios, a migração deixou de ser analisada apenas como uma escolha racional de indivíduos sozi-

nhos, mas emerge envolvida em redes de relações sociais, como uma estratégia de grupos familiares, de amigos ou de pessoas da mesma comunidade. Neste contexto, as mulheres e os homens, em diferentes momentos, aparecem como os elos que ligam *aqui e lá*, através de redes sociais que ajudam nos primeiros momentos na sociedade de emigração e também ajudam a manter os laços com o lugar de origem.

Esses vários estudos demonstram diferentes aspectos da inserção das mulheres nos fluxos migratórios e revelam que, no passado e no presente, as mulheres participaram dos fluxos migratórios, o que nos instiga a pensar nas transformações das relações de gênero no contexto da migração. Portanto, quando as migrações internacionais começam a ser analisadas buscando articular gênero, classe e etnia, a migração deixa de ser um assunto masculino, fruto de decisões masculinas ou familiares. Ao invés de pensar a migração apenas como provocando a quebra dos laços, procurei complexificar a análise demonstrando que ela também possibilita novos arranjos familiares e de gênero. Portanto, a família migrante não pode ser vista apenas como aquela cujos laços se desfazem no contexto de migração, mas como tendo suas relações reconstruídas num contexto em que também se redefinem as relações de gênero.

MIGRAÇÕES FEMININAS NA AMÉRICA LATINA

Dos quase 180 milhões de migrantes internacionais, cerca da metade são mulheres, muitas das quais já não viajam na qualidade de acompanhantes de seus maridos, como ocorria anteriormente, mas que cada vez mais o fazem por sua própria conta, em busca de melhores mercados de trabalho. A incorporação das mulheres ao trabalho remunerado é um dos fatores que tem propiciado que o crescente fenômeno da migração internacional tenda à feminização.¹⁴

A grande maioria das mulheres toma a decisão de migrar de maneira autônoma, ainda que exista um significativo número delas que cruze as fronteiras por causa de conflitos armados, condições de pobreza, deterioração ambiental ou desastres naturais. Outras mulheres migrantes se vêem forçadas a sair de seu país ao converter-se em vítimas de violência intrafamiliar, do abuso sexual e da exploração por parte de delinquentes internacionais que se dedicam ao tráfico de pessoas.

Não obstante, boa parte delas consegue cumprir seus propósitos. Neste campo, destacam-se aquelas mulheres solteiras, jovens e com formação profissional, cuja decisão se baseia numa preocupação de buscar um melhor futuro, aventurar-se e conhecer o mundo.

¹⁴ Assim indica Patricia CORTÉS CASTELLANOS, consultora do Centro Latino-Americano e Caribenho de Demografia (CELADE), Divisão de População da Comissão Econômica para a América Latina e Caribe (CEPAL), na publicação *Mulheres Migrantes da América Latina e Caribe: Direitos humanos, mitos e duras realidades*. Santiago, CEPAL, 1998, onde se assinala que esta foi a primeira região do mundo a alcançar a mencionada paridade.

A respeito da migração feminina intra-regional, esta se encontra facilitada pela proximidade geográfica, a proximidade cultural e o idioma comum.¹⁵ Trata-se, principalmente, de mulheres jovens, em plena idade produtiva, muitas das quais são mães solteiras ou chefes de família. Seus destinos preferidos são a Costa Rica, para o caso das mulheres da América Central e Caribe, e o Chile, para as mulheres da América do Sul.

O número de mulheres entre os migrantes latino-americanos tem, portanto, crescido significativamente na última década. Estima-se que elas já correspondam em cerca de 70% do total de pessoas que deixam seu local de origem na América Latina atrás de melhores condições de vida em outros países da própria região ou em outras partes do mundo. Trabalhadoras domésticas, pobres e em situação irregular na sua grande maioria, essas mulheres se encontram numa situação de total invisibilidade, o que aprofunda e perpetua as violações de direitos humanos que elas sofrem diariamente. Essa foi uma das principais constatações de uma reunião de estudo realizada entre ativistas latino-americanos, em São Paulo, que vai servir de base para a elaboração das recomendações do Comitê da Convenção para Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher (CEDAW, em Inglês) para a Organização das Nações Unidas (ONU).

Grande parte dessas mulheres migra por motivações econômicas; por necessidade de sobrevivência delas mesmas e de suas famílias. Por outro lado, é pequena a quantidade daquelas que saem em busca de autonomia, de ampliar os estudos ou de um trabalho mais qualificado. *Normalmente, elas estão muito aderidas à situação familiar de origem. Na maioria dos casos, a migração da mulher é resultado de uma negociação dentro da família, que influencia na decisão dela. Precisamos nos perguntar: afinal, quais são os graus de autonomia da mulher quando ela 'decide' viajar?*¹⁶

¹⁶ Questiona a psicóloga argentina Cristina Zurutuza, do Comitê Latino-americano e do Caribe para a Defesa dos Direitos da Mulher (Cladem).

Segundo Cristina Zurutuza, algumas das migrantes são praticamente expulsas de suas famílias, que vivem em condições de extrema pobreza no país de origem, para mandarem remessas de dinheiro do exterior. Assim, trabalham muito para, no fim do mês, enviar quase todo o salário para sustentar a distância os filhos e, muitas vezes, também os pais e o próprio parceiro. Acabam sentindo-se culpadas de abandonar os filhos e sofrerem muito por causa disso, sendo posteriormente acusadas e rechaçadas por eles.

A principal ocupação delas é nos serviços domésticos, nos quais podem economizar mais e normalmente não precisam de documentos legais para essas atividades. Estima-se que aproximadamente 40% das que se encontram na Europa exer-

cem esse tipo de trabalho, que, até mesmo legalmente, garante menos direitos trabalhistas do que outras profissões.

As questões étnicas também estão fortemente presentes e interferem muito na realidade das mulheres migrantes nos locais de chegada, pois são reforçados os padrões de gênero tradicionais de sua cultura de origem. *A opressão da mulher não só é reproduzida como também exagerada porque está em jogo o prestígio da nacionalidade*, afirma a psicóloga argentina.¹⁷ Além disso, as peruanas sofrem discriminação tríplice nesse país: por serem mulheres, índias e imigrantes.¹⁸

Elas também são vítimas de múltiplas formas de maus tratos por conta da situação de vulnerabilidade em que se encontram. *As migrantes são objeto de violência por parte de autoridades da migração, da polícia, do exército, de empregadores e dos membros de sua própria família. A violência migra junto*.¹⁹

Para as imigrantes bolivianas no Brasil, por exemplo, nem o acordo firmado em agosto entre os dois países para a regularização dos estrangeiros melhorou suas vidas. Isso porque a multa para cada um dos cerca de 60 mil bolivianos em situação irregular no país colocar os documentos em dia é de mais de R\$ 900. *É muito alta para as pessoas que trabalham nas confecções, principalmente para as mulheres*.²⁰ Na última vez em que abriram para a legalização dos bolivianos, cerca de 40% das mulheres não o fizeram para poderem regularizar seus maridos e filhos. *As crianças sem documentos enfrentam grandes dificuldades para ingressar nas escolas e essa é uma das maiores preocupações das mães*.²¹

Segundo a psicóloga Cristina Zurutza, o problema da invisibilidade não ocorre por acaso, mas tem influência de questões políticas, econômicas e de gênero. *Todo mundo sabe que isso acontece. Não são fenômenos invisíveis de tipo inocente. É a mulher que sustenta parte significativa da economia de seus países de origem — como El Salvador e México — com a remessa enviada, resultado de sua força de trabalho. E nos países de chegada, as mulheres migrantes não competem com os habitantes locais, já que realizam trabalhos desqualificados que a mão-de-obra local se nega a realizar, principalmente os serviços domésticos*, diz.²² Esse quadro só piora, à medida que as fronteiras estão cada vez mais fechadas para a circulação de pessoas e mais abertas apenas para o capital.

O comitê da mulher questiona a denominação de *ilegais* dada aos imigrantes, declarando que *nenhum ser humano é ilegal, nem clandestino. São apenas pessoas sem documentos, irregulares no país em que se encontram. O que seria do mundo se não houvesse os migrantes, já que eles fazem o trabalho que os outros não querem fazer?*²³

¹⁷ Ibidem.

¹⁸ Segundo a peruana Carmen Sarsoza Pulido, refugiada política no Chile há 13 anos.

¹⁹ Afirma a peruana Natividad Obeso, da Associação Civil de Direitos Humanos Mulheres Unidas Migrantes e Refugiadas (AMUMRA), radicada na Argentina há seis anos.

²⁰ Avalia a advogada da Pastoral dos Imigrantes de São Paulo, Ruth Camacho, que é descendente de bolivianos e trabalha com os imigrantes latino-americanos.

²¹ Ibidem.

²² Cf. C. ZURUTZA, Derechos reproductivos: la libertad de decisión es un derecho humano. In *Informe anual sobre la situación de los derechos humanos en la Argentina*, 1996.

²³ Questão colocada por Natividad, do Comitê da Mulher.

A reunião de estudo a ser realizada pelo Comitê da mulher faz parte do projeto de mandato participativo de Sílvia Pimentel, vice-presidente da mais alta instância de defesa dos direitos da mulher. Trata-se do Comitê que monitora o cumprimento da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher da ONU, ratificado por 180 países. A Convenção, de 1979, não trata da questão específica das mulheres migrantes, por isso estão sendo elaboradas recomendações aos países membros para incluir recomendações relativas a este quesito.

São manifestações interpretativas por parte do comitê, em relação à Convenção da Mulher. Nós analisamos e verificamos que muitas vezes ela não foi suficientemente clara em relação a este ou aquele tema, foi muito abstrata, explica Sílvia. Segundo ela, a Convenção do Trabalhador Migrante, de 1990, que entrou em vigor recentemente, não capta essas especificidades. Ela acredita que mesmo pessoas sensíveis da área de direitos humanos ainda não foram capazes de desenvolver a sensibilidade para o olhar de gênero. E diz mais: *Existem muitas pessoas trabalhando o tema das migrações e algumas o tema das mulheres, mas as que trabalham migração ainda não o fazem de uma maneira sistematizada a partir de uma perspectiva de gênero, de um olhar bastante cuidadoso para as especificidades da mulher migrante. Ao mesmo tempo, o movimento de mulheres ainda não havia tomado a temática das migrantes como uma temática nossa, apesar de que nós temos cada vez mais ampliado o nosso olhar. Estamos criando um espaço para essa aproximação e esse diálogo.*²⁴

²⁴ Cf <http://www.mst.org.br/informativos/minforma/ultimas1437.htm> acessado em 16/04/2006.

FEMINIZAÇÃO DAS MIGRAÇÕES: ALGUNS DADOS A PARTIR DO BRASIL

Segundo dados levantados pela jornalista Mônica Fauss, que reside atualmente em Munique, dois terços dos brasileiros residentes na Alemanha pertencem ao sexo feminino, o que nos leva a concluir que as mulheres não têm trocado apenas o campo pela cidade ou abandonado suas vidas em cidades menores em busca de trabalho e novas oportunidades nas grandes metrópoles. Quando as expectativas de melhoria de vida nos grandes centros não se concretizam, quando atraídas pela indústria do turismo e *comércio de mulheres*, a imigração para um país do assim chamado primeiro mundo passa a ser vista como uma alternativa para muitas mulheres que deixam o país com a responsabilidade de suprir não somente a sua sobrevivência, mas também a de seus familiares. Muitas mulheres

chegaram na Alemanha através de relacionamentos estabelecidos com turistas que vieram ao Brasil. Embora a imigração feminina esteja fortemente associada à exploração sexual, esse não é o único e talvez não seja o principal motivo do assim chamado fenômeno da *feminização das migrações*. Com o aumento do número de mulheres no ensino superior bem como no mercado de trabalho nas últimas décadas, também cresceu o número de migrantes do sexo feminino, que saíram do país com o intuito de melhorar a qualificação profissional através do ingresso em cursos de graduação e pós-graduação, de aprender novas línguas ou simplesmente motivadas pela curiosidade de conhecer outros países, culturas e modos de vida. O que muitas vezes foi pensado como um projeto de alguns meses ou anos (por exemplo à realização de um curso de línguas, estágio, trabalho como *au pair* etc.) acaba se transformando numa mudança permanente para outro país, associada muitas vezes ao casamento e à constituição de família. Nesse sentido, a crescente imigração feminina pode ser vista também como resultado das lutas travadas pelo movimento feminista, que ampliou o acesso das mulheres à educação, ao mercado do trabalho, à escolha do parceiro(a) e do local de moradia.

Diante das desigualdades sociais existentes no Brasil, da falta de qualificação profissional e de melhores condições de trabalho para grande parte das mulheres no Brasil, a imigração feminina continuará sendo uma alternativa para muitas mulheres que buscam não somente melhoria material mas também a constituição de relações recíprocas com seus parceiros e melhores condições de educação para seus filhos. Embora muitos casamentos interculturais sejam desfeitos após alguns anos (o que não pode ser visto apenas como um problema de desentendimento cultural, uma vez que as taxas de divórcio também são bastante altas entre casais que cresceram falando a mesma língua e compartilhando valores culturais semelhantes), grande parte das mulheres migrantes opta por ficar no país em função dos filhos e da expectativa de que os mesmos, ao freqüentarem uma escola pública de qualidade superior em comparação às escolas públicas brasileiras, terão melhores oportunidades e perspectivas para o futuro. Mas a migração motivada pela busca de qualificação adicional (cursos, estágios, etc.) também continuará crescendo, sobretudo em função das crescentes exigências no mercado de trabalho.

A entrada clandestina num país do assim chamado primeiro mundo tem colocado migrantes de distintos países do Sul em situações complexas, nas quais os direitos humanos muitas vezes são violados. Um dos maiores problemas da *clandestinidade* é a convivência permanentemente com o temor de ser

descoberto e das conseqüências decorrentes desse processo. Nesse sentido, migrantes *sem papéis* são obrigados a desenvolver uma série de estratégias e mecanismos para manter o status de *alguém que oficialmente não existe*, que não vive no país. São obrigados, por exemplo, a evitar locais que eventualmente possam ser controlados pela polícia (restaurantes ou associações de migrantes, manifestações públicas), a vestir-se de forma que não chame a atenção e jamais poderão entrar no metrô sem comprar o bilhete.

A impossibilidade de obter um emprego no mercado formal e a *necessidade de permanecer 'invisível'*, faz com que muitas mulheres busquem trabalhos como empregadas ou babás, uma vez que nesses locais dificilmente ocorrerá uma *blitz* policial. Paradoxalmente esse é o trabalho que muitas exerciam no Brasil e que motivou a imigração. Outras conseguem trabalhos através da mediação de amigos que já se encontram no país há mais tempo. Mas as conseqüências dessa vida *clandestina* para as mulheres são muitas, sobretudo problemas de saúde decorrentes dessa situação, que acabam não sendo tratados por não terem acesso aos serviços médicos e hospitalares, exceto em alguns centros de atendimento.

No fundo da questão das migrações está uma questão muito mais profunda: a questão do desenraizamento. O ser humano é criado para ter raízes e seu chão e o país ao qual ele pertence, com sua língua, cultura e tradição fazem parte da sua identidade. A tragédia dos migrantes hoje se reproduziu desde sempre, sobretudo em momentos de grande crise na história da humanidade.

Trazemos aqui o pensamento de Simone Weil a fim de que sua reflexão articulada, mas sobretudo sua mística cristã e cheia de radicalidade possa iluminar-nos em algo sobre este tão sério problema de ontem e de hoje.

SIMONE WEIL (1909-1943): UMA TESTEMUNHA DO SÉCULO XX

Nasceu em Paris a 3 de fevereiro de 1909, filha de uma família de origem judaica.²⁵ Seu pai era um médico da Alsácia e sua mãe originária da Rússia. Seu irmão um precoce matemático. Formada em filosofia pela Sorbonne, foi a primeira mulher catedrática da França. Era a discípula predileta do filósofo Alain, formada em completo agnosticismo, apaixonada pelo tema da condição humana no mundo do trabalho.

Viveu intensamente as lutas, esperanças e dores de seu tempo. Movida por intenso sentimento de solidariedade aban-

²⁵ E. Bosi elabora um resumo da vida de Simone Weil. Cf. E. BOSI, Simone Weil. In BOSI, E. (Ed.), *Simone Weil. A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

dona o magistério para trabalhar como operária fabril. Experienciou desde dentro as lutas operárias na França do início do século. Nos anos 30 a intelectual Simone vive junto aos operários franceses a crise e o desemprego. São anos duros, decisivos em sua vida. Neles, em suas cortantes palavras, recebe na carne a marca da escravidão que... *é o trabalho sem luz de eternidade, sem poesia, sem religião.*²⁶

A dolorosa experiência do trabalho fabril em condições de aguda exploração é alimento para reflexões que marcam toda sua trajetória como pensadora. Uma pensadora ferida pela verdade de que ... *nenhuma poesia sobre o povo é autêntica se a fadiga não estiver presente nela, assim como a fome e a sede nascidas da fadiga,*²⁷ nos deixa um insuperável diagnóstico das causas da escravidão moderna:... *as coisas representam o papel dos homens, os homens representam o papel das coisas: eis a raiz do mal.*²⁸

A *marca da escravidão* e o sentimento de solidariedade levam Simone às portas da fé cristã, quando esteve numa viagem de repouso em Viana do Castelo, um vilarejo português de pescadores. Dessa experiência temos o relato: *num estado físico miserável entrei nessa pequena aldeia portuguesa — que era, ai! tão miserável também — sozinha à noite, sob a lua cheia, no dia da festa do padroeiro. As mulheres dos pescadores faziam a volta aos barcos em procissão, levando círios e cantando cânticos certamente muito antigos e de uma tristeza dilacerante... Ali tive de repente a certeza de que o cristianismo é, por excelência, a religião dos escravos, que os escravos não podem não aderir a ela, e eu entre os outros.*²⁹

Após retornar à França, Simone vive na carne os tempos difíceis da ascensão do nazi-fascismo na Europa, tempos *em que tudo o que normalmente parece constituir uma razão de viver se desvanece; em que devemos, sob pena de afundarmos no desnorteamento ou na inconsciência, questionar tudo.*³⁰

Simone coloca sob suspeição os ídolos dos movimentos de esquerda, como o marxismo e o sindicato único, as grandes organizações, o mito do progresso, o Estado, a burocratização. Ao mesmo tempo não faz eco a um conservadorismo acovardado. Na Guerra Civil Espanhola engaja-se na defesa da República, vai para o front de combate em Barcelona, onde sofre acidente e é internada com graves queimaduras. A intervenção do pai médico evita-lhe a amputação do pé.

Convalescente, se recolhe a uma clínica em Montaña, no caminho da Itália. Conhece o país. Em Assis teve significativa experiência religiosa:... *estando só na capelinha românica do século XII de Santa Maria dos Anjos, incomparável maravilha de pureza onde São Francisco rezou muitas vezes, alguma coisa*

²⁶ Cf. S. WEIL, *La pesanteur et la grâce*. Paris, Plon, 1988, p. 204.

²⁷ Cf. S. WEIL, *La pesanteur et la grâce*, op. cit., p. 205.

²⁸ Cf. S. WEIL, *Expérience de la vie d'usine*. In DEVAUX, A. – LUSSY F. de (Éds.), *Oeuvres Complètes: Écrits historiques et politiques II*. Paris, Gallimard, 1991, p. 295.

²⁹ Citado por E. BOSI, Simone Weil, op. cit., p. 37.

³⁰ Cf. S. WEIL, *Réflexions sur les causes de la liberté et de l'oppression sociale*. In DEVAUX, A. – LUSSY F. de (Éds.), *Oeuvres Complètes*, op. cit., p. 27.

³¹ Citado por E. BOSI, Simone Weil, op. cit., p. 40.

*mais forte do que eu me obrigou, pela primeira vez na vida, a me pôr de joelhos.*³¹

O itinerário de vida de Simone vai ser um contínuo servir, um despojar-se, um *abaixar-se* para uma união amorosa cada vez mais profunda, uma proximidade cada vez mais solidária com os pequenos, os humildes, os desprezados, os *párias* da modernidade. Durante suas férias trabalha de servente em propriedades rurais, onde trata de vacas, colhe beterrabas e causa espanto em meio aos proprietários:... *ela comia pouco, mas quantas perguntas! Falava nos campos a perder de vista, sobre um futuro martírio dos judeus, sobre a guerra que viria sem demora. Quando lhe oferecíamos um bom pedaço de queijo, ela o rejeitava dizendo que as crianças indochinesas tinham fome. Pobre moça! Tanta instrução fez com que perdesse a cabeça.*³²

³² Idem, p. 38.

Nesse *abaixar-se* que enlaça no amor às carências do humano, Simone é progressivamente seduzida pelo Mistério cristão. O pensamento da Paixão de Cristo penetra-lhe o fundo da existência: sente-se vivendo hoje a continuidade dessa Paixão, dessa vulnerabilidade amante que se doa a si mesma em meio às dores do mundo. Diz mesmo que seu desejo amoroso de imitar o Crucificado é tamanho, que pensando na Paixão de Cristo comete o pecado da inveja.³³

³³ Cf. S. WEIL, *Pensées sans ordre concernant l'amour de Dieu*. Paris, Gallimard, 1962, pp. 79-81.

Na Páscoa de 1938, Simone, acompanhada pela mãe, vai à abadia de Solesmes ouvir canto gregoriano. Acometida de fortes dores de cabeça, mal que lhe retornava periodicamente em crises agudas, a audição se lhe constitui verdadeiro ato penitencial. Ali conhece estudantes que apresentam obras de poetas ingleses do século XVII. Passa a recitar, em oração, em diversos momentos, o poema *Love* de George Hebert. Numa dessas ocasiões, em novembro de 1938 tem experiência mística profunda:... *senti, sem estar de maneira alguma preparada, porque nunca tinha lido os místicos, uma presença mais pessoal, mais certa, mais real que a de um ser humano... No instante em que Cristo se apoderou de mim, nem os sentidos, nem a imaginação tiveram parte alguma; senti somente através do sofrimento a presença de um amor semelhante ao que se lê no sorriso de um rosto amado.*³⁴

³⁴ Cf. S. WEIL, *Attente de Dieu*. Paris, Fayard, 1966, p. 76.

A Segunda Guerra Mundial será para Simone a grande e derradeira interpelação. Formula planos insensatos de engajamento no conflito recusados pelas autoridades francesas. De início recusa-se a abandonar Paris, mas por fim cede diante da insistência dos pais. Em 1940, os Weil fogem em direção a Marseille. No racionamento alimentar do tempo de guerra dá a maior parte de seus talões para os refugiados e senta-se à mesa dos mais miseráveis para compartilhar as refeições. Em Marseille, conhece o padre dominicano Perrin, que a encaminha

para a casa do escritor católico Gustave Thibon, onde trabalha no campo. Ali faz todos os trabalhos da fazenda, conduz o gado, descasca os legumes, ajuda as crianças nas lições. Nessa época escreve carta a Xavier Vallat, comissário para assuntos judaicos, respondendo com fina ironia à discriminação:

*... o governo fez saber que desejava que os judeus entrassem na produção e de preferência fossem para a terra... Sou nesse momento vindimadora... Meu patrão me deu a honra de me dizer que mereço meu lugar. Ele me fez mesmo o maior elogio que um agricultor possa fazer a uma mocinha vinda da cidade quando me disse que eu poderia desposar um lavrador. Ele ignora, certamente, que carrego, pelo simples fato do meu sobrenome uma tara de origem que seria desumano de minha parte transmitir a filhos... considero o estatuto dos judeus, de um modo geral, injusto e absurdo, pois como alguém pode acreditar que um professor de matemática possa fazer mal às crianças que aprendem geometria, pelo simples fato de que três de seus avós iam à Sinagoga? Mas em meu caso particular, tenho que vos expressar o reconhecimento sincero que sinto pelo governo por me tirar da categoria social dos intelectuais e por me ter dado a terra, e com ela toda a natureza.*³⁵

A Gustave Thibon, que permanece seu amigo, escreve mais tarde: *... penso que a vida intelectual, longe de dar direito a privilégios é, em si mesma, um privilégio quase terrível que exige, em contrapartida, responsabilidades terríveis.*³⁶ O trabalho no campo ganha para ela simbolismo de conotação eucarística: *... as fadigas de meu corpo e de minha alma se transformam em nutrição para um povo que tem fome.*³⁷

Nessa época Simone descobre o Pai-Nosso. Passa a repeti-lo continuamente durante os trabalhos, e afirma que *... às vezes durante essa recitação ou em outros momentos, o Cristo está presente em pessoa, mas com uma presença infinitamente mais real, mais pungente, mais clara e mais cheia de amor que na primeira vez que ela me tomou.*³⁸

De regresso a Marseille, vive com os pais. O irmão está nos Estados Unidos e se esforça por levar toda a família para lá. A vida transcorre em compasso de espera. Quando agradeceu ao padre Perrin por lhe ter *aberto a terra*, o sacerdote não resistiu a perguntar-lhe quando teria ele a alegria de *abrir-lhe o céu*, já que ansiava por batizá-la. Ela o decepciona. Justifica a recusa ao batismo dizendo que: *... existe um meio católico pronto a acolher calorosamente qualquer um que entre nele. Ora, eu não quero ser adotada num meio... Tudo isso é delicioso. Mas sinto que não me é permitido. Sinto que me é necessário, que me é destinado ficar sozinha, estrangeira e no exílio em relação a não*

³⁵ Citado por E. BOSI, Simone Weil, op. cit., p. 50.

³⁶ THIBON, G., *Simone Weil, telle que nous l'avons connue*, Paris, La Colombe, 1952.

³⁷ Conforme carta a Simone Pétrement. Cf. G. THIBON, *Simone Weil, telle que nous l'avons connue*, op. cit., p. 138.

³⁸ Cf. S. WEIL, *L'Attente de Dieu*, op. cit., p. 79.

³⁹ Idem, pp. 58-59.

*importa qual meio humano, sem exceção.*³⁹ A convertida não se batiza e renuncia a entrar na visibilidade da Igreja. Dar esse passo significaria para ela dar sinal de uma separação dos marginalizados e proscritos, em particular, do povo judeu conduzido ao holocausto nazista.

Em 16 de maio de 1942, pouco antes de violenta onda de repressão em Marseille, Simone embarca, junto com os pais, para Nova York num navio cheio de fugitivos. Thibon, que passou em sua companhia a noite que antecedeu a partida, recorda:... *escuto ainda a voz de Simone Weil nas ruas desertas de Marseille, enquanto ela me reconduzia a meu hotel nas primeiras horas da manhã: ela comentava o Evangelho e sua boca falava como uma árvore dá seus frutos; suas palavras não traduziam a realidade, elas a derramavam em mim nua e total; eu me sentia transportado fora do lugar e da hora e verdadeiramente nutrido de luz.*⁴⁰

⁴⁰ Cf. G. THIBON, *Simone Weil, telle que nous l'avons connue*, op. cit., pp. 145-146.

Nos Estados Unidos, entra em contato com a Resistência Francesa. Parte para Londres num cargueiro sueco em 10 de novembro e chega a Liverpool em 25 de novembro. Na Inglaterra é encarregada de examinar os projetos de reorganização da França do pós-guerra. Nessa época escreve *O enraizamento*, denso texto sobre... *a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana.*⁴¹ Para Simone tanto a modernidade industrial-capitalista como também o socialismo real desenraizam o homem da criação, da tradição, da história, engendrando as condições da mais plena escravidão.

⁴¹ Cf. S. WEIL, *Le déracinement*. In WEIL, S., *L'enracinement*. Paris, Folio, p. 61.

Não poder entrar na França ocupada era um cálice muito amargo. Jejuava pensando nos que sofriam fome na guerra. Cada dia mais enfraquecida, sentia sua capacidade de trabalho chegar ao limite, a ponto de, encontrada desfalecida em seu quarto, ter de ser internada no hospital de Middlessex. Os médicos diagnosticam tuberculose. Nessa época entra em desentendimento com os companheiros da Resistência francesa, temendo a formação de um regime autoritário fundado no unipartidarismo gaullista. Incompreendida, opta pelo silêncio a exemplo do *justo de Isaías*, já que... *uma espécie de convenção divina, um pacto de Deus consigo mesmo, condena aqui em baixo a verdade ao silêncio.*⁴²

⁴² Cf. S. WEIL, *La connaissance surnaturelle*. Paris, Gallimard, 1950, p. 312.

Seu estado de saúde se agrava e pede licença para ser transferida para um sanatório de operários em Ashford. Ao entrar no quarto, vendo a paisagem desde a janela diz ser *um belo quarto para morrer*. Continua jejuando e cada vez mais enfraquecida. Morre na solidão da noite de 24 de agosto de 1943 a estranha mística de nossos estranhos tempos, que escreveu:... *solidão. Qual será o seu valor? (...) O seu valor consiste na possibilidade superior de atenção.*⁴³ Longe da desejada participa-

⁴³ Cf. S. WEIL, *La pesanteur et la grâce*, op. cit., p. 139.

ção ativa ao lado dos combatentes do nazismo, Simone padece na carne, na retaguarda, as mesmas dores do fronte: fome, doença, pobreza, solidão. Vive na radicalidade a intimidade com Deus, selo da santidade num mundo tão distante do Evangelho, para aportar na pátria que tanto desejou ao longo da vida: a Cruz.

SIMONE WEIL E SEU PENSAMENTO SOBRE O DESENRAIZAMENTO

O livro *L'Enracinement. Prélude à une déclaration des devoirs envers l'être humain* é um texto longo, imenso, e que foi escrito de um só jato. Um texto, no entanto, que a morte prematura de SW deixou inacabado.⁴⁴ Nesse que é de alguma forma seu testamento, juntamente com as últimas cartas que escreve, Simone Weil lança as bases que lhe parecem ser as adequadas para o futuro que se apresenta para a humanidade do pós-guerra.

Simone Weil defende que o enraizamento, o ter raízes, é talvez a necessidade mais importante e mais negligenciada da alma humana. Denuncia o dinheiro como sendo um dos fatores mais perigosos de desenraizamento. Declara que o dinheiro destrói as raízes seja onde for que penetre, substituindo todos os estímulos pelo desejo de ganhar. É, segundo ela, mais perigoso que qualquer outro, porque *demandava um esforço de atenção muito menor. Nada é tão claro e tão simples como uma cifra.*⁴⁵ Depois de denunciar a instrução tal como é concebida em sua época como o segundo fator mais perigoso de desenraizamento⁴⁶ Simone Weil afirma que a violência e, no caso concreto da França e da Europa, a guerra, foi um fator que tornou muito mais grave e cruel o desenraizamento. Segundo ela, na guerra de 1914, os camponeses eram desenraizados, arrancados de suas propriedades e ficavam com o moral quase anulado pelo papel de bucha de canhão que eram obrigados a desempenhar. Sob o efeito da Segunda Guerra, a doença do desenraizamento tomou proporções muito maiores, a ponto de realmente assustar.⁴⁷

Retomando algumas denúncias contra a violência feita em textos anteriores, como por exemplo, o trabalho operário moderno, que provoca a reificação do ser humano,⁴⁸ Simone Weil olha de frente o imenso problema do colonialismo e não poupa palavras certas e duras para denunciar a cruel violência que por trás dele se esconde. São conseqüências desse colonialismo, por ela chamado de *doença*, o despovoamento dos campos, que redundam na morte social, assim como o massacre e a redução em continentes como a África de povos inteiros à es-

⁴⁴ Cf. o que sobre a gênese do texto diz Florence De LUSSY na introdução ao texto das obras completas. Cf. A. DEVAUX – LUSSY F. de. *Oeuvres Complètes*, op. cit., p. 1019.

⁴⁵ Cf. S. WEIL, *Le déracinement*. In WEIL, S., *L'enracinement*, op. cit., 63.

⁴⁶ *Idem*, p. 64-65.

⁴⁷ *Idem*, pp. 68-69.

⁴⁸ *Idem*, pp. 74-75.

⁴⁹ Idem, p. 107.

cravidão mais bruta, que fez as populações perderem a identificação com a terra e a alegria de trabalhá-la.⁴⁹

⁵⁰ Idem, p. 112.

⁵¹ Idem, p. 113.

Em seguida critica instituições que no seu entender, desenraizaram grandes segmentos de população na França, seu país: uma é o serviço militar que não leva a uma proximidade e a uma ação comunitária, pois só faz os indivíduos se prepararem para a guerra em tempos de paz.⁵⁰ Outra é a prostituição, que segundo ela, é *o grau extremo do desenraizamento*.⁵¹ Sendo uma instituição legal na França, as prostitutas profissionais servem de pasto para a polícia, corrompendo-a e corrompendo-se, assim como contaminam segmentos inteiros da juventude, como por exemplo os jovens camponeses.⁵²

⁵² Ibidem.

Simone Weil critica depois o processo dos governos havidos na França em mil anos de existência. Constata que os quarenta reis que fizeram a França a governaram com uma brutalidade digna dos tempos da guerra que naquele momento se vivia. O que se colhe em seu tempo, nos anos 40, é fruto de toda esta história. A conquista dos territórios por parte da França foram sempre permeadas de uma violência bestial, exterminando povos e cidades inteiras. Em meio a esse processo político, misturava-se também o processo religioso, do qual as Cruzadas e a Inquisição eram parte integrante. Com esse mesmo espírito, se fez a Revolução Francesa e depois a única diferença é que os protagonistas, que antes eram fervorosos católicos, se tornaram laicos e anticlericais, pois a violência era a mesma. *E a cada vez seu protesto tomou um caráter de desenraizamento mais intenso e um nível de espiritualidade e de pensamento mais baixo*.⁵³

⁵³ Idem, p. 139.

⁵⁴ Idem, p. 142.

Assim se foi formando — continua ela — uma concepção de nação fundada sobre um patriotismo que tinha por base *não o amor do passado, mas a ruptura mais violenta com o passado*.⁵⁴ Para Simone Weil, a memória, que resgata o passado e o faz presente enquanto subversão positiva, não pode ser rompida ou deixada de lado sem que isso signifique uma ruptura violenta e mortífera para os habitantes daquele país. Simone Weil em seguida passa a analisar as virtudes e os vícios que podem construir ou desenraizar uma nação. A soberba é o primeiro dos vícios contra o qual aponta sua aguda pena. Classifica de mau gosto elementar o fato de pessoas que se encontram em destaque fazerem discursos laudatórios sobre si mesmas. Atribui isso a algo herdado dos romanos, que nunca cometiam crueldades ou concediam favores sem fazer longos discursos elogiosos sobre sua generosidade e sua clemência.⁵⁵ Isso feito, passa a descrever aquela que é a virtude suprema do cristianismo: a humildade. Com belas palavras descreve em que consiste essa virtude, recomendando sua aplicação ao nível público e nacional: *A virtude cristã tem por centro, por essência,*

⁵⁵ Idem, p. 180.

por sabor específico a humildade, o movimento livremente consentido para baixo. É por aí que os santos se assemelham a Cristo. E repete seu tão querido texto do hino cristológico da carta aos Filipenses: *Ele, sendo de condição divina, não se afezrou a suas prerrogativas... Ele se esvaziou... Ainda que fosse Filho, aprendeu a obediência por sofrimentos.*⁵⁶ E lamenta que hoje uma nação como a França não pratique essa virtude que tanto a engrandeceria, *ao contrário da virtude pagã do patriotismo, que passou dos romanos aos europeus sem ser batizada.*⁵⁷

⁵⁶ Idem, p. 181.

⁵⁷ Ibidem, pp. 181-182.

A virulenta crítica de Simone Weil a um patriotismo em moldes romanos e chauvinistas se deve a que o amor pela pátria passa a ser fonte de violência. Em nome do patriotismo se cometem terríveis atrocidades. Ela declara que ninguém escapa desse perigo, e que a virtude contrária é cada vez mais rara entre os operários e os intelectuais.⁵⁸ Mas, continua, *o esmagamento da pátria faz logo surgir no mais profundo dos corações (de pessoas que desejam a justiça) um patriotismo perfeitamente sólido e puro. Estes serão reconciliados de uma maneira permanente com a pátria se se lhes propõe a concepção de um patriotismo subordinado à justiça.*⁵⁹

⁵⁸ Idem, p. 194.

⁵⁹ Ibidem.

Já pouco antes do Epílogo de seu livro, Simone Weil diz que *é uma só e mesma coisa que relativamente a Deus é Sabedoria eterna, relativamente ao universo perfeita obediência, relativamente a nosso amor beleza, relativamente à nossa inteligência equilíbrio de relações necessárias, relativamente à nossa carne força bruta.* E continua, lúcida e tristemente: *Hoje a ciência, a história, a política, a organização do trabalho, a religião mesma, apesar do tanto que está marcada pela nódoa romana, não oferecem ao pensamento dos homens senão a força bruta. Tal é nossa civilização.*⁶⁰

⁶⁰ Idem, p. 371.

Simone Weil termina seu livro dizendo que o centro espiritual de uma vida social bem ordenada deve ser o trabalho. Pois só o trabalho e a morte têm a capacidade de transportar o ser humano para a obediência plena a Deus. Impedida de trabalhar por suas condições físicas de saúde, ela deseja ardentemente obedecer finalmente pela morte oferecida em favor de seu povo. É isto que ocorre em agosto de 1943, quando seu coração de 34 anos deixa de bater em terra estrangeira, em um quarto de hospital desde o qual podia enxergar a França de longe.

CONCLUSÃO: COMO A TEOLOGIA PODE AJUDAR A UMA PASTORAL DAS MIGRAÇÕES?

Simone Weil não é nem nunca pretendeu ser uma teóloga. No entanto, suas reflexões nos trazem algumas luzes sobre a situação dos migrantes hoje.

A necessidade e o desejo de migrar estão estreitamente vinculados à primordialidade que o dinheiro tomou na vida das pessoas. O domínio do dinheiro e o não poder viver sem ele faz com que as pessoas sacrifiquem aquilo que têm de mais precioso: suas raízes, sua cultura, sua identidade. A pátria passa a ser o lugar onde se pode ganhar mais dinheiro.

As migrações estão estreitamente vinculadas com a violência. Uma vez que migram para os países onde se encontra o sonho da prosperidade, as pessoas passam a ser vítimas de violência, vivendo sob constante ameaça, pois carregam em si o estigma da ilegalidade.

Entre estes, parece-nos que as mulheres são as que mais sofrem, uma vez que a situação da ilegalidade e do trabalho obscuro e ameaçado em terra estrangeira lhes desarranja a vida familiar e a gravidez e o cuidado dos filhos. Se a mulher, em geral, deve sempre poder conciliar desafios os mais exigentes e os mais diferentes, com a mulher migrante isso é verdadeiro em termos bastante dramáticos e quase trágicos.

As pastorais migratórias constituem um dos primeiros espaços de referência do migrante no novo país. Elas atuam como uma espécie de elo entre o país de origem e a nova realidade, ainda desconhecida pelo migrante além de propiciar o encontro entre aqueles que buscam a vivência comunitária e religiosa. Os serviços oferecidos são diversos e existe um grande engajamento por parte das pessoas que atuam nessas associações. Com relação às mulheres, os serviços jurídicos, de atendimento psicológico e de saúde são fundamentais, bem como os cursos de aperfeiçoamento ou aprendizagem da nova língua. No que diz respeito ao atendimento infantil, as pastorais desenvolvem um papel fundamental, possibilitando às crianças o contato com a língua, história e cultura do país de origem.

Um exemplo disto é o relato de Wivian Weller:

Conheci a Sra. Victoria quando estava trabalhando como tradutora e co-terapeuta no Centro de Atendimento a Vítimas de Tortura (Zentrum für Folteropfer) em Berlim. Vitória é uma senhora com cerca de 55 anos que teve que abandonar o Chile no período da ditadura militar. Na época estava casada e tinha três filhos pequenos. Durante a trajetória de fuga a família passou por Cuba e Romênia até chegar à Alemanha. Ao chegar na parte ocidental de Berlim (no período ainda existia o muro) Dona Vitória aprendeu rapidamente o alemão, frequentou um curso de enfermagem e passou a trabalhar num hospital. Seu marido também conseguiu trabalho, seus filhos frequentaram a escola, estudaram, casaram e tiveram filhos. Até esse momento tudo aparenta estar bem, parece que todos

superam os traumas vividos no passado e tiveram boas oportunidades no país que os acolheu. No entanto, depois de estar vivendo há mais de vinte anos na Alemanha, Dona Vitória perdeu parte da memória, de seu senso de orientação e também esqueceu o idioma aprendido: Fui chamada para auxiliar nesse caso porque a Sra. Vitória não conseguia mais se comunicar em Alemão. Foi como se a experiência vivida no passado e contida há tantos anos tivesse vindo à tona quando tudo já parecia superado. Conto este relato porque as experiências de pessoas que passaram por situações semelhantes a esta, podem ter conseqüências por muitos anos ou até mesmo por toda a vida. São poucos os centros especializados no tratamento de vítimas torturadas nas prisões ou em outros contextos. Pouco se tem discutido sobre as conseqüências dessas experiências para a segunda geração: como crescem os filhos de torturados? Como lidam com o sofrimento e o trauma vivido pelos pais? Que tipo de ajuda é oferecido à família como um todo? Essas e outras questões carecem de maiores reflexões bem como de ações concretas.⁶¹

Em suma, a pastoral dos migrantes, em suas ações, se somam às pautas nacionais e internacionais que lidam com esta problemática. Têm, no entanto, um diferencial fundamental, a ênfase na espiritualidade, no apoio moral, na construção ou fortalecimento de valores. Este diferencial tem salvado muitas vidas, em todos os sentidos. Com relação às mulheres, por tudo que foi visto e dito aqui, parece-nos que se trata de uma contribuição única e de fundamental importância.

⁶¹ Professora do Departamento de Sociologia da UnB: Cf. http://www.csem.org.br/Entrevista_Wivian.doc acessado em 16/04/2006.